

# O CONCILIADOR

ORGAN DO PARTIDO CONSERVADOR

DA PROVINCIA DE SANTA CATHARINA.

REDACTORES - DIVERSOS

CONDIÇÕES.

Publica-se uma vez em cada semana (quinta feira). As assignaturas são pagas adiantadas.

Numero avulso 160 réis.

ASSIGNATURA SEM PORTE.

Anno . . . . . 6\$000 rs.  
Semestre . . . . . 3\$000

COM PORTE.

Anno . . . . . 6\$500  
Semestre . . . . . 3\$300

**CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.**

**DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DE 6 DE JUNHO DE 1873.**

**O Sr. Carlos da Luz:**—Sr. presidente, eu não esperava tão cedo ter de tomar parte nos debates desta augusta camara. Cançado, como ainda me acho, da penosa viagem que acabo de fazer á Europa, não tenho podido por enquanto pôr-me ao facto das occurrencias que se têm dado ultimamente nos negocios publicos. Não tive tempo sequer de ler os relatorios das differentes repartições, nem mesmo do ministério da guerra, ao qual me acho ligado na qualidade de militar.

Já vê, portanto, V. Ex. que não vou fazer agora um longo discurso. Não pretendo roubar tempo aos dignos collegas que me fazem o favor de ouvir.

Subo á tribuna unicamente para defender-me de uma grave accusação, que me tem sido feita ultimamente, a proposito da commissão de que fui encarregado pelo governo, relativa á compra de armamentos.

Ao chegar a esta côrte, no dia 30 do passado, disserão-me logo que se propalava a noticia de não ter eu cumprido bem as instrucções que havia recebido para o desempenho da commissão, acrescentando-me o informante que o Sr. ministro da guerra parecia dar credito a semelhante boato, porquanto já havia dirigido um aviso á commissão de melhoramentos do material do exercito, ordenando-lhe que informasse se eu tinha ou não cumprido as instrucções recebidas.

No dia seguinte ao da minha chegada, sabbado, soube mais, isto é, soube que um illustre senador pela provincia do Ceará, o Sr. Pompeu, havia reproduzido na camara vitalicia a mesma accusação contra a minha pessoa; e igualmente que o Sr. ministro da guerra, nessa occasião, se mostrára quasi convencido de que era verdade o que se dizia a meu respeito, declarando S. Ex., na resposta que deu ao discurso do referido senador, que o caso era grave, mas que já tinha dado as providencias no intuito de descobrir o que havia de exacto na noticia.

V. Ex., Sr. presidente, acaba de ouvir um illustre deputado pela provincia do Rio-Grande do Sul dirigir contra mim identica accusação.

**O Sr. Florencio de Abreu:**—Ao governo e não a pessoa alguma.

**O Sr. Carlos da Luz:**—V. Ex. disse bem claramente que eu, em vez de cingir-me na compra que fiz ao typo estabelecido, comprei o armamento que quize.

**O Sr. Florencio de Abreu:**—A minha questão é com o governo.

**O Sr. Carlos da Luz:**—V. Ex. e a casa, Sr. presidente, acabou de observar a maneira por que o Sr. ministro da guerra respondeu ao nobre deputado a quem me refiro. S. Ex. tornou a dizer que não sabia o que havia de exacto neste negocio, porém que tratava de descobrir a verdade.

Já vê, portanto, V. Ex. que estou sob o peso de uma grave accusação, gravissima mesmo, e que assaz me tem incommodado, maxime por vêr que o governo é o primeiro a dar algum credito ao que se diz.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Não apoiado.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Dizendo V. Ex., como acaba de o fazer, «que nada sabe ainda», faz acreditar que eu era capaz de deixar de cumprir os meus deveres.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Está claro. Pois se eu ainda nada sei! Declarei que suppunha que V. Ex. tinha cumprido bem a sua missão, mas não estava ainda habilitado para responder sobre o armamento, porque nada vi ainda.

**O Sr. Carlos da Luz:**—A questão não é esta, a questão versa sobre o cumprimento das ordens que recebi do governo; e, collocada neste terreno, o nobre ministro da guerra podia ter-me defendido por um modo mais cathorico, como eu mostrarei em poucas palavras. S. Ex. podia ter affirmado que eu não tinha deixado de cumprir as instrucções que recebi.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Eu não podia dizer isto.

**O Sr. Carlos da Luz:**—E' verdade, Sr. presidente, que eu não introduzi no armamento Comblain por nós adoptado as alterações que a commissão de melhoramentos do material do exercito pretendia fazer nelle, mas deste procedimento não me pôde resultar responsabilidade legal, porquanto eu não era obrigado a aceitar taes alterações.

As minhas instrucções dizião que logo que eu chegasse á Europa estudasse por mim mesmo as alterações propostas, ouvindo a respeito dellas as opiniões dos principaes fabricantes de armas, para resolver como julgasse mais vantajoso.

Portanto jámais o Sr. ministro da guerra, que assignou as referidas instrucções, deveria consentir que se dissesse não ter eu cumprido as ordens que recebi, pelo simples facto de me ter afastado da commissão de melhoramentos.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Eu declarei que nada sabia porque não vi a arma.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Se eu não era obrigado a acceptar as alterações propostas por esta commissão....

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Era obrigado a seguir as instrucções do governo.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Foi mesmo para poder cumprir as instrucções do governo conscienciosamente que eu não attendi ás alludidas alterações. As instrucções me davão autorisação para proceder por este modo.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Não davão. Até este momento tenho declarado que julgo que V. Ex. cumpriu bem a sua missão, mas como havia de dizer que a arma era tal e qual o governo desejava, se ainda não a tinha visto?

**O Sr. Carlos da Luz:**—Emprazo a V. Ex. para que leia as instrucções que me deu; verá então a camara se tenho ou não razão.

**O Sr. Presidente:**—Este dialogo não pôde continuar.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Não se pôde, pois, negar o direito que eu tinha de seguir ou não, segundo os estudos que posteriormente fizesse na Europa, as alterações propostas.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Isso é outra questão.

**O Sr. Carlos da Luz:**—E se eu tinha esse direito como se diz que não cumpri as ordens que recebi, sómente porque me afastei da commissão de melhoramentos?

O que ha, Sr. presidente, é uma questão technica entre mim e a commissão de melhoramentos, e collocada principalmente neste terreno eu não tenho o menor receio de aceitar discussão com quem quer que seja. Quanto á legalidade do meu procedimento a tal respeito, não ha questão alguma.

Na fabricação do armamento Comblain, de cuja compra fui encarregado, tomei em consideração os estudos e experiencias feitas por outras nações que, como nós, o adoptarão em seus exercitos. Quando cheguei á Europa ainda encontrei, na Belgica, uma commissão de officiaes do exercito do Chile, encarregada de mandar allí fabricar uma grande quantidade de armas deste systema; tendo sabido que, poucos mezes antes, se havia d'alli retirado uma igual commissão do Perú. Tratei logo de pôr-me ao facto de todos os estudos e experiencias feitas por ambas estas commissões, antes de fixar o modelo Comblain, que devia servir de typo, na fabricação do armamento de cuja compra havia sido encarregado.

Examinei tambem o Comblain que o governo belga acabava de adoptar, para armar a cavallaria do exercito, e foi sómente depois de muito trabalho, depois de repetidas experiencias feitas com este e com o Comblain da guarda civica, que me pronunciei por aquelle typo, que é certamente o melhor e o mais aceito.

E' verdade, Sr. presidente, que este typo não está de accordo com o que queria a nossa commissão de melhoramentos, mas não tenho o menor receio de assumir a responsabilidade do procedimento que tive escolhendo-o, como anteriormente eu havia feito.

**O Sr. Duque-Estrada Teixeira:**—E' uma nobre coragem.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Estou prompto a aceitar a discussão neste terreno, no terreno tecnico, se bem que este lugar me pareceo proprio para se discutir questões de semelhante natureza.

Vou, pois, justificar o meu procedimento, mostrando as razões que tive para afastar-me da commissão de melhoramentos, e para isso serei forçado a socorrer-me só da minha memoria, por não ter commigo os papeis que me poderião auxiliar nesta discussão.

A commissão de melhoramentos pretendia introduzir na arma Comblain algumas modificações, as quaes, se a memoria me não engana, não passavão de quatro; são as seguintes: o cano raiado pelo modo ordinario seria substituido pelo cano Henry; o cão teria a cabeça ainda maior do que a do Comblain da guarda civica belga; a alavanca guarda-matto deveria ser maior do que a do modelo existente na commissão; finalmente não se queria que o novo armamento do nosso exercito atirasse com o cartucho de ouropel, unico com o qual a arma Comblain tem atirado até hoje.

Creio que são sómente estas as alterações propostas, as quaes, como já disse, eu não era obrigado a adoptar senão no caso de que a isso fosse levado pelo resultado dos estudos que eu tinha de fazer na Europa, segundo determinarão as minhas instrucções.

Analysarei uma por uma todas estas alterações, e verá a camara que a commissão de melhoramentos não tinha razão alguma de propô-las.

Começarei pela questão do guarda-matto. Sr. presidente, tenho grande pezar de entrar nestes detalhes, mas não tenho remedio se não proceder por este modo, porque a questão é essencialmente technica. Fóra deste terreno não ha questão alguma.

**O Sr. Duque-Estrada Teixeira:**—Foi por isso que o Sr. ministro disse que nada sabia.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Mas eu queria que elle affirmasse ter eu cumprido bem as instrucções que me deu, não obstante não agradecer á commissão de melhoramentos o armamento por mim comprado. S. Ex. nada tinha que vêr com a questão technica, nem em esperava que o nobre ministro a abordasse.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Essa eu posso abordar depois de vêr o armamento; mas no senado disserão-me que a arma não é boa, e por isso eu não podia responder.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Podia tornar clara a legalidade do meu procedimento.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—V. Ex. quer precipitar a questão. Ninguém disse que V. Ex. obrou mal. Tres Srs. senadores, Saraiva, Zacharias e Pompeu, fallarão nisso, e eu disse com a maior franqueza que nada sabia ainda.

**O Sr. Carlos da Luz:**—V. Ex. disse no senado, respondendo a esses Srs. senadores, que o negocio era grave.

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Está claro que ia examinal-o, porque não tinha juizo algum formado.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Onde está a gravidade delle?

**O Sr. Ministro da Guerra:**—Em relação ao que se disse, era grave; mas estou fallando em hypothese, não quero argumentar.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Continuarei com a alteração relativa ao guarda-matto.

Queria a commissão de melhoramentos, por ter visto isto em uma das armas que examinou, que a alavanca guarda-matto do nosso Comblain fosse dupla, isto é, tivesse duas voltas, uma para cobrir o gatilho e outra para a manobra de abrir e fechar a culatra; allegando que dest'arte, sendo maior o braço da alavanca, maior tambem será o esforço empregado pelo soldado em taes manobras.

Ninguém ignora este principio de mecanica com o qual a commissão pretende justificar a sua opinião; resta, porém, saber uma coisa, e vem a ser, se a manobra de uma arma de culatra, para abrir e fechar, depende sómente de

A experiencia mostra precisamente o contrario, isto é, mostra que o bom exito das armas de tiro rapido depende antes de geito do que da força; e, no caso vertente esse geito se manifesta pela instantaneidade com que se abre a culatra, depois de dado o tiro. A questão principal é, pois, a seguinte: para que o extractor (peça do mecanismo que tem por fim extrahir da camara o cartucho servido) funcione regularmente, é mister que o movimento de abrir a culatra se effectue o mais rapido possivel.

E tanto maior será esta rapidez, quanto menor for o braço da alavanca guarda-matto, sobre a qual o soldado applica a mão direita para fazer aquelle movimento; isto em virtude de um outro principio, tambem de mecanica, o que se ganha em força perde-se em velocidade.

Portanto, do guarda-matto de dupla volta, lembrado pela commissão de melhoramentos, naturalmente por te-lo visto em algum dos modelos de Comblain que examinou, como já disse, jámais se obterá bom resultado; e foi por isso que todos os governos, que mandarão fazer armas deste systema, não o acceptarão, não obstante ser uma ideia do proprio author da arma. Posso asseverar á camara dos Srs. deputados, que não se fez na Belgica uma só arma destinada aos exercitos que adoptarão o Comblain, que não tivesse a alavanca guarda-matto igual á do typo por mim adoptado.

Sr. presidente, sinto-me contrariado por estar roubando tanto tempo á camara com questões de pouco interesse e que difficilmente prenderão a attenção dos nobres deputados, que ajuda se achão presentes.

**Alguns Srs. deputados:**—Estamos ouvindo-o com muito interesse.

**O Sr. Carlos da Luz:**—Vamos á exigencia relativa ao cano.

Queria a commissão que nas armas Comblain se introduzisse o raiamento Henry, modificação do systema polygonal, ou de Withworth. Este typo de raios, se bem que muito conhecido na Europa, não foi adoptado senão por uma das nações que ultimamente reformarão seus armamentos; isto é, pela Inglaterra, donde elle é originario.

O raiamento Henry tem, entretanto, vantagens importantes, como sejam, as qualidades balisticas que lhe são inherentes: grande alcance, precisão de tiro e trajetoria raziante. Estas qualidades ficarão demonstradas nas experiencias feitas na Inglaterra, em 1868 e 1869, cujos resultados constão de relatorios que se achão impressos no chamado Livro Azul, do parlamento britannico.

Ao lado, porém, destas vantagens elle apresenta inconvenientes sérios, que o tornão pouco applicavel ás armas de guerra propriamente ditas. Os canos feitos por este modo são mais caros e se deteriorão com facilidade no serviço; sendo estas naturalmente as razões por que nenhuma nação do continente europeu os adoptou.

Accresce que, em relação a esta alteração proposta pela commissão de melhoramentos, as minhas instrucções muito positivamente dizião que só seria levada a effecto se não houvesse nisso inconveniente.

Portanto, não a tendo adoptado, não só pelos motivos acima mencionados, como igualmente para evitar os embaraços que ella traria á fabricação do armamento preferido, não fiz mais do que cumprir fielmente as instrucções do governo.

Se eu tivesse adoptado o cano Henry teria pago mais seis a oito francos por cada arma, accrescendo que a execução da encomenda seria retardada de seis mezes seguramente.

A arma Comblain nunca conheceu outro cano, a não ser o cano raiado pelo modo ordinario, e, pois, para nella se introduzir a modificação proposta, teriamos de proceder a experiencias que certamente demandarão algum tempo.

Estas experiencias erão indispensaveis,

se o mecanismo da culatra apresentaria a necessaria resistencia.

Quem, debaixo da impressao em que se achava o paiz, quando fui encarregado de comprar armamento, se arriscaria a perder tempo com taes experiencias?!

Eu não podia, portanto, adoptar o cano Henry, aconselhado pela commissao de melhoramentos, sem causar estes dous males: elevação de preço e demora na fabricação do armamento.

Procedendo, pois, como procedi, creio que cumpri á risca as ordens do governo. (Apoiados.)

Restão ainda dous pontos technicos que elucidar; mas, Sr. presidente, sinto grande acanhamento em trazer para esta camara questões de tal ordem, questões que devem merecer pouca attenção, por serem geralmente pouco apreciadas. Estou sem duvida fatigando a attenção dos nobres deputados que se achão presentes.

Alguns Srs. Deputados:— Não apoiado, está sendo ouvido com attenção.

O Sr. Carlos da Luz:— Tratarei da falta de cão no typo do Comblain por mim preferido. Queria a commissao de melhoramentos que o armamento encomendado tivesse cão descoberto, como tem a arma deste systema usada pela guarda civica belga. Por mais limitados que sejam os conhecimentos dos nobres deputados, nestes assumptos militares, nem por isso deixarão de saber o que é cão de uma arma. Apresentava a commissao aquella exigencia, por ter visto um modelo de arma Comblain com cão descoberto, e exigia que este fosse mais saliente do que era o do dito modelo.

Procedi, Sr. presidente, a respeito desta alteração do mesmo modo que sobre todas as outras. Ao chegar á Belgica procurei todos os fabricantes de armas de guerra e com elles fallei sobre as vantagens do cão descoberto; procurei tambem conhecer a opiniao do proprio Comblain sobre isso, por intermedio de uma pessoa de Liège, que a meu pedido o procurou na situacao que elle habita, a algumas leguas dessa cidade, e tanto este, como aquelles, se pronunciarão francamente contra o cão da arma usada pela guarda civica, accrescentando Comblain, que já mais havia feito a sua arma com cão descoberto, e que contra semelhante modificação fallara, quando soube que o capitão Englebert se encarregara de levá-la a effecto.

Não contente ainda com todas estas informacoes, fui em pessoa, depois de ter obtido para isso a precisa licença, por intermedio da legação brasileira, visitar a fabrica de armas do governo, onde então se fabricava já armamento Comblain para o exercito; e ali conversei largamente com o muito distincto coronel Gilion, director ha longos annos dessa fabrica e o mais competente official belga nestas materias, sobre a questão do cão. Elle disse-me, bem me recordeo, ao terminar as explicações que lhe pedi:

« Se a questão da adopção do fuzil Comblain na guarda civica tivesse corrido pelo ministerio da guerra, já mais essa arma levaria cão descoberto. E tanto isto é exacto, accrescentou elle, que o armamento deste systema, que estamos agora fazendo para o exercito, tem cão coberto; então mandou vir á minha presença uma clavina Comblain, fabricada de conformidade com o ultimo modelo adoptado pelo governo belga, que foi o typo por mim preferido, como já disse.

Desejo tornar bem claro este ponto: a arma Comblain, até o instante em que o governo belga resolveu introduzi-la no exercito, tinha o cão descoberto, como queria a nossa commissao de melhoramentos; mas, torno a dizer, não se teria feito semelhante modificação no typo primitivo se o governo tivesse consultado os officiaes do exercito, quando adoptou-a para o serviço da guarda civica. Este negocio correu pelo ministerio do interior, do que resultou ficar a mesma guarda com um armamento máo, contra o qual apparecem frequentemente queixas nos jornaes, como eu vi por muitas vezes.

Não contente com o que me expoz o coronel Gilion sobre as experiencias que fez á cerca desta questão; não contente ainda em saber que o cão descoberto, quando se atira com cartuchos defeituosos, permite que os gazes se insinuem pelo orificio que dá passagem á ponta do percussor, escapando-se com direcção ao rosto do atirador; não contente, finalmente, com todas estas informacoes, que me foram dadas pelo dito coronel, fiz por mim mesmo algumas experiencias, indo em pessoa, com o capitão brasileiro que tinha sob minhas ordens, na Europa, e diferentes fabricantes de armas belgas, ao Tiro Communal de Liège, repetir as experiencias feitas pelo coronel director da fabrica de armas do governo.

(Continúa.)

## SECÇÃO POLITICA.

Desterro, 17 de Julho de 1873.

### To be and not to be.

Ha occasiões em que seria licito duvidar do bom senso do orgão democratico da provincia, se pela analyse dos seus actos quizessemos basear as premissas do nosso raciocinio.

Na folha ultima, sob n. 492, ha um artigo editoriaal contra o prestimoso gabinete de 7 de Março, em que desfigura-se o facto da questão — Caiapó, em proporções tão exageradas, que por fim perde-se na contradicção palpavel de que o governo deve sahir triumphante pela maioria de que dispõe.

Dizer pois que o governo se acha moribundo em uma questão, mas que ressuscita mais vigoroso que outr'ora, é fallar da phenix da fabula, e não se adianta cousa alguma com lauces desta ordem.

Entretanto que, si se hostilisa aquelle gabinete, apoia-se decididamente ao seu delegado na provincia, exigindo-se da assemblea provincial provas de confiança, e pugnando-se sempre por interesses inherentes á administração, de modo que a folha da opposição é *impertinentemente* mais zelosa na busca dos meios de acção presidencial, que os que estão na dianteira de todas estas cousas; ou por outras palavras, são mais conservadores que os proprios conservadores.

Vemos ainda, na questão do presidente de Pernambuco, a condemnação explicita da maçonaria, quando anteriormente a mesma tinha encontrado para o seu apostolado, as columnas e as idéas daquella folha, que teve a sua origem na propria maçonaria de que ainda conserva o nome. Logo temos razão, como dissémos, por todas essas cousas, de duvidar do bom senso do orgão democratico da provincia; tanto mais que transcrevendo do periodico *União*, artigos que só atacam os principios maçonicos, nada provou que desmoronasse as proposições levantadas por esta folha em favor do Sr. Dr. Lucena.

Si pois o orgão liberal mudou de opiniao, quanto á maçonaria, porque continúa a transcrever do Ganganelli, escriptos que allueem a religião fundamental do Estado? Não seria melhor dar de mão a todas essas publicações, visto como os seus artigos editoriaes se manifestão agora contra a maçonaria?

Não ha tangente como a escapar-se desta periphéria; o presidente de Pernambuco, na opiniao do illustrado orgão democratico, não procedeu como devia; isto é, foi inepto ou perverso, porque era maçom e como maçom mandou espaldeirar..... a quem?..... aos jesuitas ou aos maçons?

O oppositor liberal não o diz com clareza, não tem a franqueza de dizer como nós: o presidente de Pernambuco não mandou espaldeirar a ninguém; o general Wanderley (liberal) o fez, porém, para dispersar os amotinadores *communistas* de Pernambuco: esta é a verdade historica dos acontecimentos do Recife, tudo mais são apreciações apaixonadas, filhas do delirio, em favor de uma idéa que não tem por si o prestigio necessario, nem a moralidade indispensavel.

Convém finalmente que o orgão liberal seja mais coerente e mesmo logico, que procure estabelecer a solidariedade que deve existir nos principios que tem emittido, com as deducções que ora se podem tirar, guardando a unidade e harmonia entre as suas idéas passadas e presentes, para que não *ralhe* hoje contra o ministerio, acatando ao mesmo tempo o seu delegado, por conveniencias interesseiras; é preciso ser ainda o que se foi, para não apresentar continuamente o mosaico que tristemente observamos nas columnas do jornal a que nos referimos. Se são maçons, não falem contra a maçonaria por principio algum; se são jesuitas, ajoelhem-se perante a *monita* que os deve reger, mas não sejam *entes de razão* que podem ser e não ser ao mesmo tempo.

Lembrar-se-hão ainda os leitores da estranheza que fez a *Regeneração* ao acto do governo suspendendo a camara municipal da cõrte.

Ora por melhores que fossem os argumentos que nossa fraca intelligencia pudesse produzir em defeza do gabinete, e especialmente do ministro da agricultura, sabem tambem os leitores que para a illustrada redacção do contemporaneo serião reputados insufficientes, visto como trata-se de conservadores para os quaes não ha justiça.

Lendo porém o *Jornal do Commercio* de 28 do p. p. nelle deparámos com um artigo que contém a apreciação da questão, traçado pela redacção de uma folha inteiramente insuspeita e que sempre gozou do melhor conceito da *Regeneração*, apesar de andar ultimamente em *rusgas* com a *Reforma*.

Referimo-nos á *Republica*.

Apreciem, pois, os nossos leitores o modo de vêr da folha republicana e concluão depois comnosco que a opposição é sempre bem injusta e incoherente.

### Conflicto municipal.

Eis como a *Republica*, que por nenhum modo é suspeita, julgou o conflicto travado entre o governo e a camara municipal da cõrte:

«.... A Nação foi tanto mais desasada (perdoo-nos a phrase) (pois não! pôde passar), quanto que em fundo a nossa opiniao vai de accordo com o seu sentimento, e, longe de vituperar o governo, entendemos que, na questão especial de que se trata, a razão está do seu lado.

« Lemos com a attenção que merece o discurso do Sr. senador Souza Franco, antehontem publicado no *Diario do Rio*, e sinceramente duvidamos que melhores argumentos possam ser produzidos em justificação do acto relativo á polemica travada entre o governo e a camara municipal.

« O direito constituido é esse. A legislação vigente, como já dissemos, fez da camara municipal uma corporação immediatamente subordinada ao governo. Nesse ponto, como bem o demonstrou o Sr. Souza Franco, a camara municipal da cõrte, por isso mesmo que está na cõrte, acha-se em peiores condições do que as camaras municipaes das provincias.

« E' notavel, porém, que, tendo a camara consentido até aqui que quasi, se não todos os serviços municipaes sejam feitos pelo governo, só agora, depois de 15 annos de pratica ininterrompida, e pratica que teve a sancção da propria camara, se lembrasse ella dos principios e da liberdade municipal a proposito de uma empresa de trilhos urbanos, cujas concessões têm sido feitas pelo governo, sem protesto nem reparo.

« Alem disso, já o fizemos ver, á attitude da camara faltou a nobreza indispensavel para attrahir-lhe a sympathia publica.

« Mostrou que sabia desobedecer a uma ordem legal, mas não mostrou que sabia resistir, sendo preciso, ao que julgava ser uma usurpação.

«... Se, como alguns pretendem, é em nome dos principios e do partido liberal que se promove a supposta resistencia da camara, pede a justiça que a censura retrospectiva recaia sobre as camaras municipaes e sobre os ministerios desse partido, que uniformemente e até com mais desprezo pela instituição municipal fizeram a maior parte das concessões de trilhos urbanos que hoje estão em serviço...

«... Quanto ao maior ou menor liberalismo dos cavalheiros pertencentes ao mesmo partido, e que se achão divergentes entre si, assumpto é esse que pertence exclusivamente aos nobres illustrados collegas da *Reforma*. Só elles podem decidir quem mais não o seja: se os Srs. Souza Franco e Nabuco, se os Srs. Zacarias e Bezerra de Menezes.»

No dia anterior, referindo-se á mesma questão, disse a *Republica* o seguinte:

« Entre todas as camaras municipaes do paiz, a desta cidade é, com certeza, a que menos tem feito para merecer a estima publica, e a que mais tem concorrido para o desprestigio da instituição.

« Os grandes beneficios Moraes e materiaes que a camara poderia prestar nunca se fizeram sentir, e o desconceito em que a corporação cahio de muitos annos a esta parte tem concorrido para que o publico a qualifique sempre como um conciliabulo de interesses pequeninos e nem sempre confessaveis...

«... Da camara municipal desta cidade sabe-se apenas que as grandes agitações no seu seio são produzidas por conflictos oc-

tes ou de afilhados a collocar nos empregos rendozos, com verba conhecida ou sem esta.

« O serviço municipal é descurado entre nós ao ponto de estar hoje a cidade constituida um foco permanente de molestias endemicas, e ao ponto de envergonhar o proprio paiz aos olhos do estrangeiro, que com certeza em nenhuma outra cidade apontará mais immunda e mais feia do que a nossa, graças ao deleixo e á influencia dos interesses individuaes contrariados por medidas de interesse geral.

« Antes instrumentos de partido do que corporações independentes e inspiradas por um civismo serio, as camaras que se têm succedido nestes ultimos quatriennios chegarão a tal grão de desconceito, que alguns homens sisudos, que della fizeram parte, sahirão deliberados a não voltar lá por nenhum modo....

«... Essa e não outra é a causa da indifferença com que o povo assiste a esse conflicto quasi ridiculo que actualmente se dá entre o governo e a camara municipal.

«... sob o ponto de vista moral, não sabemos como qualificar a attitude da camara desta cidade, ora reconhecendo a competencia do ministro da agricultura para com ella discutir a questão em que estavam divergentes, ora negando-lhe a competencia, quando em nome do Imperador lhe intima esse mesmo ministro o mandato de despejo.

« A meia resistencia da camara fica afinal reduzida a uma disputa de officios e de interesses contrariados; e á posição dos vereadores falta evidentemente a nobreza, que unica podia attrahir-lhe a sympathia publica.

« Como meio politico, como intriga de partido, como recurso de desmoralisação para o poder, cuja occupação se deseja, pôde o actual conflicto servir e interessar aos homens que nisso tem interesse.

« Mas no ponto de vista moral, social, politico, mas não de corrilho, elle não offerece nenhuma perspectiva brilhante.

« Para a camara, como para o paiz, a questão é hoje de forma. Desde que os vereadores declarão que não resistem, que estão promptos a obedecer e a retirar-se com tanto que a ordem lhes seja transmittida pelo ministro do imperio, e não pelo da agricultura, não vale a pena incommodar-se o publico com essa etiqueta.»

## SECÇÃO LITTERARIA.

### Supplica.

Dai-me, dai-me, Senhor, o flóco errante  
Que nos ares de leve se espanija!  
Dai-me o som festival das alvoradas  
Que da loira creança o sonho beija!

Dai-me os vitreos orvalhos que gotteão  
Da ramagem do matto perfumado!  
Dai-me o aljofar nocturno que roreja  
O recinto dos mortos socegado.

Eu não quero da terra os delios sonhos,  
Nem as vozes ruidosas da alegria;  
Quero a sombra, o pallor, a immensidade,  
Quero o triste echoar da ventania.

Como a garça dos mares quero as agoas  
Onde brinca á tardinha a viração!  
Quero o lago que amei inda creança,  
Quero um beijo do sol na immensidade!

Quero a nevoa da noite que se espalha  
Entre os celios pharões da immensidade!  
Quero os goivos do gélido sepulchro  
Que me fazem scismar na Eternidade!

Dai-me, dai-me, Senhor, o flóco errante  
Que nos valles de leve se espanija!  
Dai-me o som festival das alvoradas  
Que da loira creança o sonho beija!

Dai-me a vida, meu Deus! a vida etherea,  
Essa vida doirada que sonhei!  
— Lá nos páramos azues serei ditosa  
Entre as fiores de um mundo que adorei!

Julia da Costa.

## SECÇÃO NOTICIOSA.

Em um dos ultimos numeros demos noticia da chegada a esta provincia do Illm.

lavo Galvão. Hoje é com prazer que transcrevemos do *Paiz* e do *Telegrapho*, folhas da capital do Maranhão, as seguintes importantes noticias que muito honrão a s. s.

Diz o *Paiz* de 20 de maio:

« O SR. TENENTE-CORONEL ENÉAS GALVÃO. — Deixou o commando do 5.º batalhão de infantaria no dia 16 deste mez e hoje parte para o sul o Sr. tenente coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão.

« Todos sabem o estado em que se achava esse corpo quando o Sr. tenente-coronel Enéas veio commandal-o, e os motivos porque foi retirado do commando o seu antecessor, e é agora toda a cidade testemunha do garbo e disciplina do 5.º batalhão.

« Tão completa transformação será um dos titulos mais gloriosos do valente militar, que tão denodado foi nos dias da guerra, quanto bom organisador nos quartéis de guarnição, e tanto maior deve ser o justo orgulho do Sr. Enéas quanto conseguiu tudo, conquistando o amor e respeito desde o mais graduado de seus officiaes até a ultima praça. Ajudado pelos mesmos officiaes que encontrou, a quem fallou a linguagem do camarada, e desde logo mostrou a energia do chefe, que sabe conciliar a benevolência e boa amizade com as exigencias do serviço, sentio-se logo o influxo do seu commando, e o batalhão tornou a ser o mesmo das velhas tradições do Falcão.

« O Maranhão considera como uma propriedade sua o 5.º batalhão de infantaria do exercito, tão dilatadas tem sido as suas paradas nesta cidade, e por isso alegra-se quando o vê em boa ordem, enthusiasma se com os seus triumphos, e sente qualquer mal que lhe aconteça. D'ahi o respeito e sympathia pelo Sr. Enéas, e a admiração de toda a população pelos seus serviços.

« Manteve o Sr. Enéas a mais completa harmonia com os diversos presidentes da provincia, e outros funcionarios com quem teve de entreter relações officiaes, e se com alguns destes essa harmonia não guardou sempre a mesma placidez, foi isso devido a querer o brioso commandante que aos seus soldados fossem guardadas as garantias que lhes erão devidas — sendo punidos como manda a lei e respeitados religiosamente os seus mingoados soldados.

« Terminada a sua commissão, pode o Sr. tenente-coronel Enéas Galvão dizer ao governo, que della o incumbio: Deixo um batalhão perfeitamente fardado e equipado, esmeradamente alimentado e escrupulosamente pago; deixo em cada official, em cada soldado um amigo, em cada habitante desta cidade uma sympathia.

« Não ha nestas palavras o menor favor. Nunca melhor do que agora fomos interprete do publico, que, lamentando a retirada do bravo, brioso e honrado Sr. tenente-coronel Enéas Galvão, julgará uma verdadeira felicidade se elle for substituido por um official que possa ter iguaes direitos á estima popular.

« — Os officiaes do 5.º batalhão, para darem mais uma demonstração do apreço em que tem o seu commandante e amigo, offereceram-lhe ante-hontem um baile, ao qual concorreu uma sociedade distincta. Poude nessa occasião o Sr. Enéas avaliar o grão de elevada consideração em que é tido pelos maranhenses, que sempre hão de recordar-se com saudade de sua estada nesta cidade.

« Por iniciativa dos mesmos officiaes preparase para o illustre official um honroso embarque, ultima despedida de um povo agradecido.

« — Terminada esta noticia transcrevemos a ordem do dia em que o Sr. tenente-coronel Enéas despedio-se de seus commandados e entregou o commando ao Sr. major Tavares. Diz-nos testemunha ocular que quando ella foi communicada ao batalhão, foi immensa a commoção dos soldados, alguns dos quaes não pôderão conter as lagrimas.

(Segue a ordem do dia, que não reproduzimos por nos faltar espaço.)

« — Já havíamos escripto o que acima se lê quando vimos o seguinte officio, dirigido ao Sr. tenente-coronel Enéas pelo coronel inspector do batalhão, o Sr. Dr. Manoel Ignacio Bricio, official incapaz de dizer o que não lhe dicta a consciencia. E' esse officio a mais completa corroboração do nosso juizo, e por isso pedimos permissão para publical-o:

Quartel da inspecção do 5.º batalhão de Infantaria em Maranhão, 17 de maio de 1873.

Illm. Sr.

« Accuso recebido o officio de V. S. de hontem datado, em que me communica haver, de ordem da presidencia da provincia, passado o commando do 5.º batalhão de infantaria ao fiscal do mesmo, o major João Luiz Tavares, e por esta occasião fallaria eu a um dever de justiça se, como inspector do referido 5.º batalhão de infantaria, que acaba de ser commandado por v. s., não lhe desse os devidos louvores pelo bem que desempenhara os seus deveres em tal commando, e pelos esforços que empregou para isso, á vista do estado em que o achou, faltando-lhe escripturação e arranjos de toda natureza, e encontrando tão grande numero de praças quasi sem esperança de as corrigir; porém tudo foi conseguido pelo seu zelo, actividade e intelligencia, cabendo-lhe a gloria de deixar um outro 5.º batalhão de infantaria, e não o que encontrou; pelo que é digno de louvores que a par de mim os habitantes desta provincia lhe prodigalisão; o que sem duvida estará ao alcance do governo imperial, que por este serviço, atem dos que tão satisfatoriamente tem prestado em outras occasiões, dará á v. s. o bom apreço de que é tão merecedor. — Deus guarde a v. s. — Illm. Sr. tenente-coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão. — Manoel Ignacio Bricio, coronel inspector. »

No de 22 do mesmo mez lê-se:

« EMBARQUE. — Embarcou ante-hontem para o Sul o Sr. tenente-coronel Enéas Galvão. Teve um esplendido botafóra o illustre militar. Da casa do seu amigo, o Sr. Ramos Villar, acompanharão-no e a sua Exm. Sra., numerosas senhoras, todos os officiaes do 5.º e muitos cavalheiros. Na rampa de embarque estava postada uma banda de musica e immensa multidão. Um vapor com outra banda de musica levou o estimado commandante e seus amigos para bordo do paquete. Todos os navios nacionaes e estrangeiros estavam embandeirados, e por extrema fineza na passagem do pequeno vapor embandeirou o hiate *Rio de Contas*. Também estava embandeirada toda a rampa até o ponto de embarque.

« Quando o Sr. tenente-coronel Enéas despedia-se na rampa, extremamente commovido, um grande numero de inferiores e soldados do 5.º que ali estavam ergueram vivas ao seu chefe e amigo, que forão correspondidos pelo povo. Esta scena ainda foi mais commovente a bordo do paquete quando elle dava e recebia os ultimos abraços. Soldados houve que chorarão nesse momento, como se assistissem á partida do mais extremoso dos pais. »

E no *Telegrapho* de 27 ainda do mesmo mez:

« O EX-COMMANDANTE DO 5.º BATALHÃO DE INFANTARIA. — Seguiu no dia 20 do corrente para o sul o distincto tenente coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão.

« O seu embarque foi admiravelmente concorrido, notando se nelle gente de todas as classes da sociedade.

« A distincta officialidade do 5.º batalhão acompanhou o illustre viajor até a bordo do vapor, onde o honrado major João Luiz Tavares, commandante interino do mesmo batalhão, lêo em voz commovida a despedida escripta e assignada por todos os srs. officiaes, que em seguida transcrevemos. Tão eloquente documento apresentado no momento solemne de uma despedida é a prova mais conclusiva dos grandes merecimentos do sympathico tenente coronel Enéas Galvão, que aceitou, dando como unica resposta algumas lagrimas que se deslisavam pelo seu rosto.

« Eis a despedida:

« Illm. sr. tenente coronel Antonio Enéas Gustavo Galvão.

« A officialidade do 5.º batalhão de infantaria do exercito brasileiro, dominada unicamente do sentimento de gratidão, o mais sublime de todos os sentimentos que Deus inculca no espirito do homem, vos cumprimenta cordealmente no momento da vossa partida, e vos manifesta por este meio a respeitosa estima que vos consagra.

« As razões, sr. tenente coronel, que actuaem no espirito da officialidade do 5.º batalhão para tão solemne manifestação do mais subido apreço residem na vossa sympathica e estimavel pessoa. Postes no seio da nossa corporação, um juiz intimo, foi

justo como o mais justo dos magistrados do dever. Disciplinador exemplar, que soube sempre associar a energia á equidade; honesto e illustrado, brioso e circumspecto, não vos foi impossivel collocar o nosso batalhão no pé de força moral em que o collocastes, o que nos é em extremo grato reconhecermos.

« Este facto, pouco commum no brevissimo tempo do vosso interino commando, é o documento mais eloquente do vosso grande merito, que jamais governo nenhum illustrado e patriótico deixará de allamente considerar.

« Aceitai, illustre Sr. tenente-coronel, por ultimo as nossas saudades de despedida, e ficai convencido que a officialidade do 5.º batalhão jamais esquecerá a muita amizade e afeição que de coração vos tributa.

« Deus vos guie a salvamento ao porto do vosso novo destino.

« Maranhão, 20 de Maio de 1873.

João Luiz Tavares, major

Capitães:

Basilio Magno da Silva.  
Feliciano Caliope Monteiro de Mello.  
Tertuliano da Costa.  
Antonio Joaquim Guedes de Miranda.  
Candido Maria Alves.  
João Juiz da Silveira.  
Raymundo Ribeiro do Amaral.

Tenentes:

Ignacio Francisco de Albuquerque Figueiredo.  
João Paulo da Silva Porto.  
Tito de Souza Camisão.  
Joaquim Antonio Jenovez.  
Antonio Raymundo de Miranda Carvalho.  
Arthur Oscar d'Andrade Guimarães.  
Raymundo Rodrigues Baima.  
Alferes:  
Thiago Pereira de Souza.  
José Augusto Gromwel.  
Tiberio Nunes de Araujo.  
Maximino de Farias Bangoin.  
Manoel Joaquim Ayres do Nascimento. »

O *Itajahy*, da linha intermediaria chegou do Sul no dia 10, seguindo no mesmo dia para o Rio de Janeiro.

Foi nomeado commandante do encouraçado *Bahia*, em 28 do p. p., o nosso distincto patriótico capitão de fragata José Marques Guimarães.

Seguiu a seu destino ante-hontem pela manhã a flotilha de guerra que se achava fundeada no porto desta cidade.

Desejamos-lhe feliz viagem.

Do sul entrou hontem o *Gerente* que seguiu para a corte.

Do *Onze de Junho* de Jaguarão extrahimos as seguintes noticias:

O BARÃO DE MAUÁ. — Lê-se no *« Novo Mundo »*:

« Em nosso ultimo numero ignoravamos a natureza do compromisso, tacito ou explicito, que havia entre o barão de Mauá e os seus eleitores do Rio Grande do Sul; e dissemos que não se podia bem appareciar a questão que surgiu entre elle e o Sr. Dr. Silveira Martins sem este conhecimento prévio.

A mala que entrou agora traz-nos a noticia que o barão demittiu-se do seu lugar da camara dos deputados escrevendo-lhe nesta occasião um manifesto, explicando o seu procedimento.

Neste manifesto, o resignatario diz: que o seu diploma exprimia um duplo erro de apreciação: por parte dos eleitores em suppor que elle podia acompanhar as idéas do Dr. Martins, e por parte delle mesmo em acreditar que a maioria dos eleitores representava a idéa liberal, mas dentro da letra da constituição. Agora desfaz-se o erro.

Todavia, sentimos que estas palavras não expliquem ainda o ponto obscuro, que para nós não é si os eleitores esperavam que o seu representante fizesse ou não discursos exaltados, mas se elles deviam e podiam esperar que elle recusasse o seu voto ao governo.

Este ponto é que infelizmente não fica esclarecido. Parece, todavia, que o eleito e os eleitores não se entenderam bem e que

houve imprudencia de parte a parte; nos eleitores, em nomearem a um homem de grande prestigio pessoal, mas cujas opiniões sobre a politica actual não estavam bem sondadas; no eleito, em não consultar o verdadeiro desejo dos seus constituintes antes de aceitar o mandato.

Antes de darmos de mão a este assumpto, devemos extranhar que por causa deste incidente, parte da imprensa tivesse assaltado de modo tão rude a um dos brasileiros mais estimaveis e prestimosos da presente geração.

Homens como o barão de Mauá não são entre nós tão communs que possamos assim menoscabal-os.

O paiz lhe deve serviços muito perduraveis, e, pois deve-lhe respeito e generosidade.

O successo deste commerciante e empresario foi ganho gradualmente á custa de sua intelligencia, energia e industria.

Elle tem mostrado a seus patricios como por esses meios honestos um cidadão obscuro pôde chegar á opulencia e ás horas.

Elle tem dotado a sua terra de obras publicas e de instituições do credito, e assim tem desenvolvido a riqueza e tornado o Brazil mais conhecido no exterior. Si este brasileiro, pois, não tem certo jús á consideração de seus contemporaneos que outro o terá então ? »

SUCCESSOR DE PIO IX. — Lê-se no *Jornal do Commercio* da corte:

« Parece que o cardeal Antonelli prevenido o obito do pontifice, e seguindo o exemplo do governo italiano, dirigiu-se á França, Gran Bretanha, Russia e Allemanha para o caso dessa eventualidade. Ao Sr. Thiers insinuou, que o fallecimento do papa podia tornar necessaria a reunião do conclave em paiz estrangeiro, lembrando Avignon como sitio de todo o ponto proprio para a igreja. A contestação do presidente da republica franceza, longe de acolher a suggestão, mostra que a França conta com demasiados embaraços para aceitar a presença dos cardeaes no seu territorio, opinando que em Roma melhor pôde proceder-se á escolha do successor de Pio IX.

A's demais potencias manifesta Antonelli a esperança de que sendo eleito regularmente o successor do papa, não demorem o reconhecimento immediato e a protecção precisa para que desempenhe as suas funções sem estorvo algum. »

BUENOS-AYRES. — O presidente da republica está bastante doente da garganta e quasi completamente surdo.

O general Coneza tambem está gravemente enfermo.

Fora nomeado ministro plenipotenciario da republica hespanhola o Sr. Alvarez Peralta.

DECRETO DE LOPES JORDÃO. — « La Pampa » de Buenos-Ayres traz o seguinte:

« Art. 1.º Todos os habitantes do territorio de Entre Rios ficam, desta data em diante, desobrigados do dever de prestar obediencia ás ordens do presidente Sarmiento, do qualquer natureza que ellas sejam.

« Art. 2.º Os que aceitarem qualquer emprego ou commissão do presidente Sarmiento, ou de qualquer autoridade de que elle dependa, serão considerados illegaes como inimigos da liberdade publica desta provincia e punidos como taes.

« Art. 3.º Todos os actos do presidente Sarmiento, no territorio de Entre-Rios e no relativo a elle, serão considerados illegaes e inteiramente nullos, como actos, de facto, executados pela força e violencia e dos quaes serão responsaveis seus proprios executores.

« Art. 4.º Esta medida subsistirá até que a provincia de Entre-Rios seja restabelecida ao pleno gozo de suas liberdades publicas e de seus direitos constitucionaes atropellados pela intervenção armada.

« Art. 5.º Publique-se esta declaração e dê-se em ordem geral do exercito.

Ricardo Lopez Jordan.

ESSENCIA DA ORTELÃ EMPREGADA CONTRA AS NEURALGIAS E A GOTTA. — Ha alguns annos escreve um medico no jornal de medicina de Bruxellas, soube na China que os habitantes daquelle paiz empregavam o oleo essencial da hortelã-pimenta applicando-o com um pincel de lã de camello como remedio tonico contra as neuralgias faciaes.

Desde então tenho feito frequente uso na minha clinica particular, deste anestesico local, não só contra a nevralgia, mas em casos de gotta. Dá-me resultados extraordinarios. Debaixo da influencia deste agente a dor acalma instantaneamente.

OS SRS. ZACARIAS E MAUÁ. — Sob este titulo lê-se na *Nação*, importante órgão do partido conservador que se publica na corte, as seguintes e acertadas reflexões:

Quando o Sr. Mauá declarou na camara que *servia a idéas e não a homens*, o club da *Reforma* agitou-se e promoveu um pronunciamento, expellindo do partido liberal esse distincto rio-grandense. Entretanto, no proprio discurso excomungado, o Sr. Mauá dava uma prova de sua sinceridade, annunciando que se sentaria entre os adversarios do gabinete, quando se tratasse da reforma eleitoral, pois que era *partidario da eleição directa*, que o gabinete não aceitava nem accia.

Esse, que esteve e estaria sempre em seu posto quando se combatesse por algum principio inscripto na bandeira liberal, foi — expulso do partido. — E o Sr. Zacarias que enterrou até o pescoço a carapuça que a *Reforma* atirou ao Sr. Candido Mendes, « combatendo os principios sagrados do liberalismo e as conquistas da civilização moderna, » mostrando-se « espirito retrogrado e tacanho, advogado da intolerancia religiosa e do fanatismo barbaro de outras éras, » desconhecendo o principio da « liberdade de cultos, » que segundo a *Reforma* declarou, está inscripto no programma liberal? Esse continua a ser liberal.

Não ha duvida: a questão é de nomes!... Quem quizer gritar contra o governo e tomar a denominação de liberal, tem praça no partido democratico desta terra, sejam quaes forem as suas idéas e a sua procedencia!

SECÇÃO OFFICIAL.

Secretaria do Governo.

EXPEDIENTE DO DIA 4 DE JULHO DE 1873.

EXTRACTOS.

ACTO. — O presidente da provincia, attendendo ao que lhe representou o tenente-coronel commandante superior interino da guarda nacional dos municipios da capital e annexos, em officio de 28 de Junho findo, resolve marcar a 3.ª dominga do corrente mez para reunir-se o conselho de qualificação da guarda nacional do municipio da capital.

Neste sentido expeção-se as devidas communicações.

Communicou-se ao commandante superior da capital e annexos.

ACTO. — O presidente da provincia, attendendo ao que lhe representou o commandante superior da guarda nacional dos municipios de S. Francisco e annexos, resolve marcar a 3.ª dominga do corrente mez, para a 2.ª reunião do conselho de qualificação da guarda nacional do municipio d'Itajahy.

Neste sentido expeção-se as necessarias communicações.

Communicou-se ao commandante superior de S. Francisco.

Dia 8.

ACTO. — O presidente da provincia resolve, de conformidade com o que lhe propóz o dr. chefe de policia interino em officio datado de hontem, sob n. 134, nomear o cidadão Manoel Saturnino de Souza e Oliveira para o logar vago de 2.º suppleto do subdelegado de policia da freguezia de S. Joaquim da Costa da Serra.

Expeção-se as precisas communicações. Remetteu-se o titulo do nomeado ao dr. chefe de policia com officio n. 102.

Dia 9.

ACTO. — O presidente da provincia resolve, nos termos do art. 11 do decreto n. 1354 de 6 de Abril de 1854, designar para exercer interinamente o logar de secretario geral do commando superior dos municipios da capital e annexos, o capitão do 1.º batalhão d'artilheria João Floriano Caldeira de Andrada.

Expeção-se as precisas communicações. Communicou-se ao commandante superior da capital e annexos.

SECÇÃO INEDICTORIAL.

A Flamme-Dea.

Quem déra o sol que te queimasse a fronte  
Que te roubasse a luz dos meigos olhos,  
Sympathica donzella!

Mais lúcida que o pai de Phaetonte,  
Raios e settas despedindo a môlhos,  
Não serias — diva e bella!

Por certo não serias tão formozza!  
Nem terias nos olhos a magia  
Que nos arrouba em snrpreza!

Nem de docta — tua fronte radiosa,  
O solio do diadema aureo teria,  
Tu, — no solio da belleza!...

Nem serias cruel nos teus incantos!...  
Soltando de teus olhos o lampejo  
Que fascina-nos e mata!

Sem dó!... vendo morrer — chorando cantos...  
Retorcendo-se em lavas de desejo  
A quem teu riso arrebatá!...

Peregrino!... no sahara deste amor,  
Da Lybia o sel no pino a arder sentindo  
De tua fronte, queimar-lhe...

E cair a morrer... nesse queimor!...  
Refrigerio dos labios teus pedindo...  
E tu... sem quereses dar-lhe!!

Cruel!... porque serás pois tão cruel?...  
— O sol que queima nunca durou tanto  
A queimar-nos tanto assim...

Ao nectar não propinques agro fel...  
Basta que tenhas sobranceiro encanto  
Qual canto de cherubim...

Porque queres queimar mais do que o sol?  
Não basta a lyra que outras lyras cala,  
Que cala de Apollo a lyra?...

Oh!... da tarde, quem déra que o arrebol  
Vissem meus olhos, de tu'alma... e a falla  
Que no deliquio... suspira!...

Quem déra!... Mas... que digo!? ah! sim... radias  
Mais do que o sol! porque na fronte arguta  
Tens a aureola dos anjos!

Que és virgem pura e bella... e só teus dias  
Decorrem na virtude — cruci-fructa,  
E tens o saber d'archanjos...

Não és cruel... não és... és só lindeza...  
E's toda perfeição... e tens tambem  
Lá nos céos Quem por ti vela...

— Si Suzana no corpo tem belleza,  
Mais belleza Suzana n'alma tem  
E mais visivel que aquella...

Radias mais que o sol... Que importa queimes?  
Se vive o coração sobre essas brazas  
Qual salamandra nas chammas...

Que importa que em queimar embora tenhas?  
Do coração que pulsa, as vivas azas  
Não queimando nessas flammas?

Quem déra o sol que te queimasse a fronte,  
Que te roubasse a luz dos meigos olhos,  
Sympathica donzella!...

Mais lúcida que o pai de Phaetonte,  
Raios e settas despedindo a môlhos,  
Não serias — diva e bella!...

B. Carvalho d'Oliveira.

Julho 6 de 1873.

O abaixo assignado, partindo em commissão para as colonias ao norte da provincia, cumprimenta as pessoas desta capital que o tem recebido em amizade e offerece-lhes seus serviços ali.

Em 10 de Junho de 1873.

Bernardo de Castro.

EDITAES.

Não tendo sido aceita por desvantajosa á fazenda nacional a unica proposta apresentada, de conformidade com o edital desta

thesouraria de 10 de Junho ultimo, para o serviço de embarque e desembarque de carvão de pedra do governo imperial para os navios da armada e depositos nesta provincia, de novo manda o Illm. Sr. inspector interino fazer publico, afim de que os concorrentes apresentem suas propostas em carta fechada até a uma hora do dia 19 do corrente, para o que poderão consultar na mesma thesouraria o ultimo contracto feito sobre tal objecto; na intelligencia de que, não serão tomadas em consideração as propostas que se referirem aos preços de outras até entã apresentadas.

Thesouraria de fazenda da provincia de Santa Catharina, 14 de Julho de 1873.

O 1.º escriptuario.

Luiz Carlos de Saldanha e Souza.

Jacinto Pinto da Luz, tenente-coronel presidente do conselho de qualificação da guarda nacional das parochias de N. S. do Desterro e SS. Trindade.

Faz publico, que tendo sido adiado para o dia 20 do corrente a reunião do conselho de qualificação, funcionará elle no paço da camara municipal.

Cidade do Desterro, 12 de Julho de 1873.

Jacinto Pinto da Luz.

ANNUNCIOS.



RECREIO CATHARINENSE.

De ordem da directoria, participo aos Srs. socios que a récita d'este mez terá lugar no sabbado, 19 do corrente. Os Srs. socios poderão mandar buscar os seus bilhetes no escriptorio do theatro, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde.

Desterro, 14 de Julho de 1873.

O 1.º secretario

Coelho Pinto.

TRASTES A' VENDA

VENDE-SE

Um piano em bom uso  
Aparador de sala de jantar

Um guarda comida de mogno cercado de arame

Uma banheira  
Um mocho para junto de mesa de escriptorio

Uma mesa de escriptorio  
4 estantes

Carrinho de vime para criança  
Dito dito para ensinar a andar

Um berço  
Um bidet.

Para vêr e tratar na rua de S. Sebastião n. 7 G. das 7 ás 10 da manhã e das 4 ás 6 da tarde.

VENDE-SE

duas moradas de casas, ns. 45 e 45 na rua do brigadeiro Bittencourt. Para tratar com o abaixo assignado

Polycarpo Vieira da Cunha Brazil.

A FAMILIA

Jornal religioso, maçonico, litterario, instructivo e noticioso.

Este interessante jornal, de 8 paginas cada numero, formato grande, contém artigos diversos, destinados a combater o jesuitismo, os abusos clericales e as tendencias ultramontanas do episcopado brasileiro. Pugna pela liberdade da consciencia e dos cultos; traz artigos de litteratura, é copioso em noticias maçonicas e profanas e offerece ao leitor algumas horas de recreio instructivo e agradável.

Assigna-se no Rio de Janeiro, rua do Hospicio n. 35 segundo andar, ou nesta cidade

36 Rua do Senado 36

Preço da assignatura:

Por anno. . . . . 10\$000

» semestre. . . . . 6\$000

Achão-se já publicados 9 numeros do segundo anno.

Todo o maçon que puder, deve assignar esta interessante publicação.

A LUZ

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

PUBLICADO TODOS OS DOMINGOS

POR UMA ASSOCIAÇÃO DE LITTERATOS

2.º ANNO, OU 52 NUMEROS DE 8 PAGINAS CADA UM, COM INDICE E FRONTISPICIO FORMANDO UM VOLUME DE 424 PAGINAS.

PREÇO DA ASSIGNATURA

Na corte. . . . . 6\$000

Pelo correio. . . . . 7\$000

Pagamento SEMPRE adiantado.

O 1.º volume brochado, de 424 paginas, formato in-folio, com indice, frontispicio e capa, 7\$000, incluindo porto do Correio. O mesmo volume com elegante encarnação, 9\$000.

Atenção! — Os Srs. que assignarem este 2º anno e comprarem o 1º volume brochado, tudo por 14\$000, recebem gratuitamente um lindo romance brasileiro, em um elegante volume de mais de 260 paginas, nitidamente impresso. — Sendo a assignatura do 2º anno com o 1º volume encadernado, custará 15\$000.

Os Cavalheiros que remetterem pelo Correio, em carta registrada com valor declarado, a importancia de 10 assignaturas, receberão gratis uma assignatura nas condições dos que angariarem.

F. A. da Costa,

redactor da LUZ.

Rio de Janeiro. — Typographia da Luz, rua de Gonçalves Dias, n. 60.

VENDE-SE

a casa n. 2 da rua Setede Setembro, esquina da do Principe.

Para tratar com

José Ramos da Silva.

ULTIMA HORA.

Foi apresentado hontem na assembléa um additivo ao orçamento assignado pelo Sr. Oliveira, propondo a redução de 5% nos vencimentos dos empregados publicos provinciaes.

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2